



Correio Pastoral

Cón. Luís Alberto

A terra de Deus

14/03/2023

Amigos:

Boa tarde!

Aqui há dias recebi um e-mail de uma pessoa com um pedido de apostasia.

Indignada e escandalizada com as notícias dos abusos sexuais na Igreja, pedia-me que

averbasse no seu assento de baptismo

um Acto Formal de Abandono da Igreja Católica.

Inconscientemente, percebo-o agora, isso levou-me a ouvir de maneira diferente da habitual, a Palavra de Deus que escutámos ontem,

onde Jesus nos dizia que "*nenhum profeta é bem recebido na sua terra*".

É verdade que, por um lado, é mais fácil comunicar quando "estamos em casa" e conhecemos o terreno que pisamos.

Mas, por outro lado, também é mais difícil aceitar as interpelações que os outros fazem.

A razão é simples: nunca ouvimos só o que nos dizem; também prestamos atenção à boca que o diz

(às vezes prestamos tanta atenção à boca que fala que nem sequer chegamos a ouvir o que nos é dito...).

Ou seja: não nos perguntamos se o outro tem ou não razão; decidimos apenas se tem ou não autoridade moral para nos dizer o que diz...

Isso significa, na prática, que "santos da casa não fazem milagres" ou, como nos disse Jesus, que "*nenhum profeta é bem recebido na sua terra*".

Mas o que Jesus nos diz tem um alcance bem maior do que esta simples conclusão moral(ista).

Jesus falava de si.

E da dificuldade que tem de ser acolhido.

Ontem como hoje.

O general sírio Naamã foi ter com o profeta Eliseu à espera de que a sua cura se realizasse de uma forma extraordinária.

O profeta mandou-o fazer uma coisa extremamente simples: banhar-se no rio Jordão, um rio insignificante, comparado com o Tigre e o Eufrates, os grandes rios da sua terra.

Ficou naturalmente desiludido, quase ofendido, e só muito a custo o convenceram a fazer o que o profeta Eliseu lhe tinha dito e que em nada correspondia às suas expectativas...

Exactamente a mesma incompreensão de que Jesus era alvo por parte dos seus contemporâneos.

De início, tudo o que Jesus fazia e dizia os encantava.

Mas rapidamente começaram a voltar-se contra Ele, quando confrontados com a reivindicação que Jesus fazia para si próprio de ser Deus.

Como é que um homem, como eles, se atrevia a pretender ser Deus?
Não era possível, não era de todo conciliável com a ideia de Deus (absolutamente transcendente, completamente outro) que eles tinham!
A ideia que tinham de Deus, o seu pré-conceito a respeito de Deus, tornava impossível o acolhimento do segredo da novidade de Jesus (a sua condição divina).

Nós também somos a terra de Deus.
Criados por Ele à sua imagem e semelhança, somos d'Ele.
E é por isso que Deus nos atrai: porque Ele é a Verdade da Vida que nos habita!
Por um lado, não conseguimos deixar de O procurar, mesmo quando não temos consciência disso.
Porque só quando estamos com Ele é que nos sentimos verdadeiramente "em casa".
Mas, por outro lado, temos ideias feitas a respeito de Deus.
E isso impede-nos de O reconhecer, de O ouvir, porque Ele se revela sempre de outra maneira, diferente do que esperamos...
Procuramo-l'O em sinais e acontecimentos extraordinários e Ele está sempre em todo o lado, nas coisas mais simples e pequeninas da vida (que são a grande fatia, a fatia mais grossa da nossa vida...), nos rios Jordão do nosso dia-a-dia, onde somos convidados a banharmo-nos sete vezes, repetidas, permanentes, sem serem rotineiras...
Procuramo-l'O em êxtases místicos e grandes espiritualidades desincarnadas, e não somos capazes de O reconhecer no rosto concreto dos nossos irmãos, principalmente quando esse rosto está desfigurado pela miséria, pela injustiça, ou pelo pecado, sempre chocante e horrível...
Deus é sinónimo de Amor perfeito, de beleza, de bondade irrepreensível...
Como entendê-l'O de braço dado com uma Igreja que, sendo d'Ele, é santa, mas que, sendo nossa, de gente que está ainda a caminho, a crescer, é também pecadora (e de que maneira!!!)?

É inevitável que tenhamos ideias feitas, pré-conceitos, a respeito de Deus: não podemos pensar Deus, a não ser nas nossas categorias mentais...
O que não é inevitável é ficarmos por aí...
É sempre possível aceitar realidades que não entendemos e percorrer caminhos que desconhecemos,
é sempre possível deixarmo-nos guiar pelo Amor que Ele semeou em nós,
é sempre possível escutá-l'O e segui-l'O, confiados não no que para nós faz sentido, mas apenas na certeza de que Ele está connosco, assim como somos, "*até ao fim dos tempos*"!
E como disse a Pedro e aos outros discípulos, antes e depois das quedas que todos tiveram: "*tende coragem: Eu venci o mundo!*"

Partilho convosco, em anexo, uma outra meditação que fiz sobre o evangelho do Domingo passado.
Santa Quaresma!
Abraço amigo!

SAMARITANA: DUAS SEDES E DUAS ÁGUAS

O Evangelho do passado Domingo (3º da Quaresma) fala-nos de duas sedes e de duas águas.

A primeira, a mais imediata, é a sede física.

Sem água não conseguimos sobreviver. E é por isso que quando esta sede se apodera de nós com intensidade não dá para pensar em mais nada...

Mas, uma vez resolvida esta sede mais primária, percebemos rapidamente que isso não nos basta.

Há outra sede que habita o nosso coração de gente feita para a relação que é essencial satisfazer para garantir a nossa sobrevivência como pessoas: a sede de amor.

Amor é uma palavra que mexe com cada um de nós de forma quase mágica.

Mas quando falamos de amor raramente estamos todos a falar da mesma coisa, embora usemos a mesma palavra. A maneira como cada um entende e vive o amor acaba por ter sempre um toque único, conforme a boca que o pronuncia...

No entanto, temos todos em comum o facto de muitas vezes não sabermos bem como saciar essa sede de amor, que parece nunca estar definitivamente satisfeita.

Consequentemente acabamos muitas vezes conformados com essa insatisfação sempre presente e, encolhendo os ombros, deixando-nos viver entregues apenas à satisfação das necessidades mais imediatas da vida.

Apesar de mais ou menos adormecida, essa sede não desaparece nunca.

E é isso que explica o “troco” que a Samaritana vai dando a Jesus, alimentando a conversa com Ele...

Jesus irrompe na nossa vida com a promessa de uma água viva, completamente desconhecida, que sacia definitivamente esta nossa sede de Amor.

Essa água é de tal maneira nova que não cabe nas nossas categorias mentais.

E, quando a tentamos compreender, começamos por pensá-la a partir do que conhecemos.

Como a Samaritana, bem intencionada, que começa por ver naquela promessa de não voltar a ter sede a solução para o trabalho imediato que representava para ela ter ir buscar água todos os dias...

Não conhece outra água, tal como os discípulos que, insistindo com Jesus para que Ele coma, não compreendem o que Jesus lhes diz, quando afirma que o seu alimento “*é fazer a vontade d’Aquele que O enviou*” e ficam a perguntar-se quem é que Lhe teria trazido de comer...

Há perguntas que não têm respostas nos termos em que são feitas.

E é por isso que, tantas vezes, Jesus se vê obrigado a dar “saltos” na conversa.

À Samaritana manda-a ir chamar o marido, para tornar possível um rumo novo na conversa a partir da abertura que esse pedido provoca nela, fazendo-a deitar cá para fora aquelas perguntas que habitavam o seu íntimo, perguntas quase impensáveis perante a sua aparente superficialidade, muito terra-a-terra, e que se prendiam com o sentido último da sua vida: Onde adorar Deus? Como esperar e reconhecer o Messias?

Aos discípulos convida-os a olhar à sua volta, a olhar os campos, e a dizer o que vêem: “*Não dizeis vós que dentro de quatro meses chegará o tempo da colheita?*”

O que os discípulos vêem é só isso: uma seara que está longe de estar madura e de dar fruto; ainda falta quatro meses (e o fruto pode ou não acontecer)...

O que Jesus já vê, naquele preciso momento, e convida os discípulos a ver, é outra coisa: “ *Pois bem, Eu digo-vos: Erguei os olhos e vede os campos, que já estão loiros para a ceifa. Já o ceifeiro recebe o salário...*”

À superficialidade de quem vive para satisfazer apenas as necessidades primárias da existência, a superficialidade primeira da Samaritana, que só é capaz de pensar uma água viva à maneira da água que conhece e que lhe poupe o esforço de ir buscar água todos os dias, a mesma superficialidade dos discípulos que só pensam em quem é que teria levado de comer a Jesus, junta-se esta outra forma de superficialidade: a superficialidade de pensar a vida apenas a partir do nosso presente, daquilo que somos hoje, incapazes de ver o filme todo, incapazes de olhar para uma seara a que faltam ainda quatro meses para dar (ou não) fruto, e ver nela já os campos loiros para a ceifa e a colheita já realizada, com o ceifeiro a receber já o seu salário...

Que lugar há na nossa vida para procurar a água viva?

Buscamos-la com a mesma intensidade (pelo menos...) com que buscamos a outra água, quando a sede física nos atormenta?

E quando olhamos para nós e para os outros, para as coisas boas que vivemos, ou para os pecados horríveis que cometemos (a monstruosidade do pecado não depende só do que fazemos ou não; depende sobretudo da nossa sensibilidade: há santos que nas suas memórias confessam pecados monstruosos, porque assim os sentem, e que nós temos dificuldade em perceber em que consistem...), o que é que vemos?

Só o presente?